



*E-book digitalizado por: Levita
Com exclusividade para:*



<http://ebooksgospel.blogspot.com/>

Temóteo Ramos de Oliveira

MANUAL DE CERIMÔNIAS

264
OLIm Oliveira, Temóteo Ramos de, 1940-
Manual de Cerimônias. Rio de
Janeiro, CPAD, 1985.
1v
1. Liturgia. 2. Cerimônias
religiosas.
I. Título.
CDD264

Casa Publicadora das Assembléias de Deus

Caixa Postal 331

20001, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

17ª Edição 2001



Índice

Dedicatória.....	04
Prefácio	05
Apresentação	06
A ordem nos cultos.....	07
Direção de um culto	08
Culto de oração.....	10
Culto de doutrina	12
Culto em ação de graças.....	13
Cultos ao ar livre (evangelismo).....	14
Celebração da Ceia do Senhor.....	15
Unção com óleo	17
Batismo em águas.....	18
Separação (ordenação) de obreiros	19
Natal.....	22
Celebração de casamento	23
Bodas de ouro ou de prata.....	25
Apresentação de crianças	26
Colação de grau na igreja.....	27
Despedida de obreiro para o campo.....	28
Despedida e passagem de pastorado	29
Noivado	31
Celebração de quinze anos	33
Funeral.....	35
Lançamento da pedra fundamental.....	37
Inauguração	38
Solenidades cívicas no Templo.....	39
A bênção apostólica	40

Dedicatória

A todos os que desejam fazer o melhor na causa de Cristo, e que com efeito se lançam a essa tarefa, visando tão-somente à glória de Deus, dedicamos este trabalho.

Prefácio

O modesto trabalho que ora colocamos à disposição do numeroso corpo de obreiros da seara do Mestre, os quais efetivamente exercem o santo ministério, praticando os mais variados atos cerimoniais, não foi escrito com a finalidade de criar padrões éticos ou estatuir normas a serem observadas dogmaticamente, antes visa tão-somente a oferecer algumas opções sobre celebrações comuns no dia-a-dia do obreiro evangélico, que, não raras vezes, se encontra em apuros, desejoso mesmo de ter em mãos um roteiro para o ofício sagrado que vai administrar.

Tais circunstâncias podem ocorrer, seja por ser o ato a celebrar uma experiência nunca antes realizada pelo obreiro • fato tão comum na vida ministerial; ou por falta de tempo para pesquisar e preparar adequadamente o modo de realizar a cerimônia.

O conteúdo deste pequeno manual é fruto da orientação do Espírito de Deus que nos encaminhou à observação das necessidades tão freqüentes nas igrejas evangélicas, muito especialmente, naquelas situadas em locais onde não foi possível chegar ao aprimoramento cultural teológico, perdurando métodos cerimoniais, que, olhados no seu aspecto estrutural e formal, são totalmente descabidos nos nossos dias; aliás, muitos deles nunca foram aceitáveis, nem cultural, nem biblicamente.

Não queremos aqui denunciar gafes, nem defeitos, nem qualquer aspecto negativo do labor ministerial alhures em todo o nosso vasto campo evangelístico, mas desejamos, com a ajuda de Deus, ajudar aqueles companheiros que, com humildade, resolverem fazer uso das sugestões que neste sucinto trabalho oferecemos.

Se os amados companheiros se sentirem compensados com o que aqui se oferece, sentir-nos-emos altamente gratificados e agradecidos a Deus por nos haver direcionado na elaboração deste pequeno tratado.

O Autor

Apresentação

Vem muito a propósito o livro de autoria do pastor Temóteo Ramos • "Manual de Cerimônias".

É uma necessidade premente que as Assembléias de Deus no Brasil possuam uma norma para a celebração do seu cerimonial.

O conjunto ora apresentado não se constitui de normas rígidas, mas flexíveis, que podem ser adaptadas a determinadas ocasiões e situações. Entretanto, a prática nos ensina não ser conveniente o afastamento alongado dos padrões oferecidos, para que não degenerem em novos padrões que destruam a unidade que deve existir do nosso Movimento Pentecostal.

O autor, nosso companheiro no pastorado da Assembléia de Deus em São Cristóvão, é uma pessoa culta, inteligente e observador a, qualidades que, aliadas à sua condição de dedicado homem de Deus, só poderiam produzir uma obra de alto quilate, como apresenta.

Túlio Barros
Pastor Presidente da AD
em São Cristóvão.

A ordem nos cultos

É lamentável ver em muitas igrejas, às vezes em igrejas grandes e conhecidas, conversas e cochichos sem fim nos cultos públicos, e o motivo disso é, principalmente, porque o mau exemplo vem do púlpito, onde pastores, presbíteros, etc, julgam-se com o direito de cochicharem uns com os outros e até mesmo durante a entrega da mensagem. Isso constitui falta grave. O culto deve ter louvores a Deus, e pode ter línguas estranhas; pode mesmo ter profecia (ainda que o profeta deve lembrar-se de que não é obrigado a transmitir num lugar não adequado a mensagem que recebe, podendo retê-la para ocasião oportuna, pois "os espíritos dos profetas estão sujeitos aos profetas")* Sim, muitas coisas gloriosas de que temos exemplo na Escritura podem acontecer no culto público, inclusive curas, milagres e maravilhas. Mas no culto público não deve haver falatórios e cochichos nem no púlpito nem na congregação.

A mensagem que o pregador leva é por vezes gravemente prejudicada pelos falatórios e cochichos, pelo andar de crianças nos corredores, pelo chorar de crianças, pelo vaivém de muitos entrando e saindo do recinto do templo sem necessidade, pela formação de bloquinhos nos corredores e por outras irreverências tão lamentáveis. E dever dos diáconos reprimir energicamente tais procedimentos, e cabe ao pastor da igreja fiscalizar para que a ordem seja mantida.

Uma mensagem tem mais poder e o pregador sente-se muito mais ungido quando a igreja está quieta, cada um em seu lugar, louvando e glorificando a Deus, e pedindo que o Senhor abençoe o pregador e a mensagem, para que tenha poder e encha o coração dos pecadores presentes.

A igreja deve ser regularmente instruída a manter ordem no culto público, e o pastor deve determinar aos diáconos e auxiliares a respeito.

A ordem nos cultos é essencial ao progresso espiritual da igreja e ao bom conceito do pastor. Uma igreja cujos cultos se realizam em desordem dá má impressão aos visitantes e mesmo aos membros que compreendem as coisas de Deus, revela um pastor descuidado e não alcança o desejado progresso espiritual.

Direção de um culto

Todos sabemos que o culto divino deve ser orientado pelo Espírito Santo, e consideraríamos uma temeridade se houvesse nestes escritos a pretensão de tomar para o homem prerrogativas que são exclusivas do Senhor. Cabe-nos, no entanto, dizer que o Espírito de Deus usa, para todos os atos que se praticam na igreja, o homem que se coloca à sua disposição. É maravilhoso notar que somos instrumentos do Espírito, e é do agrado do Senhor que os seus servos estejam devidamente informados sobre qualquer procedimento nas atividades que a cada um têm sido conferidas.¹⁾

A direção de um culto, como já aludimos, cabe prioritariamente ao Espírito Santo, não resta dúvida, mas a participação humana é indispensável. O elemento humano na direção de um culto a Deus precisa estar primeiramente em sintonia com o Espírito Santo. A prática e os métodos que apresentamos aqui são de grande importância, porém não afastam o dirigente do culto de manter-se, em todos os momentos do seu ofício, em total dependência do Senhor.

Dirigir um culto requer muita responsabilidade, porque, neste ato, se está trabalhando com matéria-prima do Céu, alimento do Céu, que se distribui com os famintos espirituais. A meta de quem dirige um culto nunca pode ser a de cumprir um anseio humano nem de encontrar uma oportunidade para expor os frutos do *eu* e da *vaidade*, mas, sim, fazer tudo para glorificar o nome do Senhor.

No que concerne à concepção humana, damos aos cultos variados títulos e destinações.

Culto público

Consideraremos em primeiro lugar o que é conhecido por todos nós como o CULTO PÚBLICO, que é o ofício sagrado que permite a todas as pessoas participarem. Normalmente, o chamamos de culto evangelístico ainda que nem todo culto evangelístico tenha caráter público; como quando é celebrado em local privado (residência ou outro lugar onde não é permitido o ingresso de todos).

Roteiro

A direção do culto público obedece geralmente à seguinte ordem, se o Espírito Santo não dispuser em contrário:

1. Inicia-se com oração (o espírito da oração deve permanecer em todo o culto). Na oração inicial, deve-se agradecer a Deus pelo privilégio de cultuá-lo naquele instante e suplicar a sua ajuda e direção para os trabalhos que terão lugar no culto: louvores, mensagens, testemunhos, pregação, etc.

2. Os hinos devem ser escolhidos, de acordo com a mensagem a ser transmitida, de modo que preparem o caminho para a pregação e despertem interesse pelo culto no coração dos presentes. Os hinos devem ser bem dirigidos, de preferência por alguém que saiba música e tenha boa voz para cantar, mesmo que não seja o dirigente do culto. Se houver muitos corais ou conjuntos participando, deve-se limitar o número dos cânticos pela Congregação ao mínimo possível.

3. Após a oração inicial e a entoação de um hino pela Congregação, far-se-á a leitura bíblica oficial, pedindo sempre a ajuda do Senhor para trazer um texto que contenha no seu bojo uma mensagem clara que, de plano, seja compreendida pelos ouvintes, e produza efeitos espirituais imediatos em seus corações. Esta leitura geralmente é feita pelo dirigente do culto ou por alguém por ele designado. Aconselha-se não conceder esta oportunidade a quem não saiba ler com reverência, ou que leia muito ligeiro, ou sem coordenação das frases, ou que não tenha prática de ler em voz alta, em público.

A leitura responsiva com a igreja, quando possível, tem produzido resultados exuberantes, pois, através desta prática, toda a Igreja tem oportunidade de participar da Palavra.

4. Feita a leitura, far-se-á outra oração na qual todos os pedidos serão apresentados, bem como se dará graças ao Senhor por seus favores. Esta oração não deve ser muito longa, porém cheia de fé e sabedoria.

5. Normalmente, nos cultos públicos temos visitantes: obreiros, crentes vindos de outras igrejas, e também inconversos. É da maior importância apresentar os visitantes, pois isso fará com que se sintam em ambiente familiar, facilitando a sua integração no momento do culto, do qual participarão com maior calor espiritual e fraterno. Além do mais, levarão consigo uma excelente impressão e bom testemunho dos bons modos do dirigente do culto e da igreja visitada e, sem dúvida, desejarão voltar para sentirem o mesmo ambiente espiritual e cristão.

6. É conveniente que todos os corais e conjuntos musicais que estejam no culto apresentem os seus programas, tendo-se, porém, cuidado para que os cânticos não ocupem parte do tempo necessário à mensagem da Palavra de Deus. Não devemos subestimar os cânticos, pois são parte inseparável do culto, mas também não devemos sublimá-los descomedidamente a ponto de prejudicar o horário destinado à mensagem. Quando da apresentação dos cânticos, o ofertório entra como parte de grande importância no culto. Convém anunciar que os visitantes não têm a obrigação de contribuir, porém podem fazê-lo, se assim o desejarem.

7. Uma vez cumprida esta parte (louvores), a mensagem final deve ter lugar oferecendo-se ao pregador o tempo suficiente para desenvolver o seu tema, que deve ser relativo à salvação • assunto indispensável num culto público.

8. Após a mensagem oficial, salvo direção do Espírito Santo, não se deve fazer outra coisa senão o convite aos pecadores. O cântico (corais, conjuntos, etc), geralmente tira a mensagem da mente do ouvinte, a menos que o hino esteja em harmonia com o tema da pregação e faça parte do apelo. Feito o convite, far-se-á oração pelos que se entregarem, se houver decisões. É conveniente sempre, antes da oração em favor dos neoconversos, dirigir-lhes uma palavra, fazendo-os mais cônscios do passo que estão dando e da importância do ato. Os novos convertidos devem ser levados a um local apropriado para, por pessoas habilitadas e capazes, receberem as primeiras instruções.

9. Geralmente, no fim de cada culto, há anúncios a serem feitos. Deve-se ter o maior cuidado para que o término do culto não se tome desagradável com avisos demorados e incompatíveis com o momento. (Esses avisos podem ser feitos em outra ocasião.)

10. A conclusão oficial do culto geralmente é a oração final seguida pela bênção apostólica, matéria que consideraremos em capítulo isolado.

Tempo

Deve-se considerar que um culto regular não deve ser de mais de duas horas de duração. Um culto prolongado cansa os assistentes; as crianças começam a chorar e os pecadores a sair antes do convite, salvo se o prolongamento do culto se der por ação direta do Espírito Santo.

O que neste capítulo apresentamos oferece critérios mais compatíveis com a boa ética ministerial.

Os nomes e endereços dos que se entregarem devem ser cuidadosamente anotados, a fim de que a comissão de visitas e assistência aos novos convertidos possa cuidar deles.

Culto de oração

O culto de oração é essencialmente para crentes. Muito poucas vezes a presença de pessoas não-convertidas nele se admite. O cuidado na direção dos cultos de oração é um imperativo de primeira ordem. Esses cultos se destinam a buscar o povo de Deus solução para os seus problemas. Neles se fazem pedidos e muitas vezes angustiosos, mas a ordem deve ser observada.

Nesta classe de cultos, onde temos a oportunidade de desfrutar, de forma mais profunda, da presença de Deus e de manifestações dos dons espirituais, revelações, etc., há também a possibilidade de estarem presentes pessoas desajustadas, tanto espiritual como mentalmente, as quais querem externar sentimentos que só contribuem para produzir mal-estar e dúvidas naqueles que não são ainda dotados de experiências e discernimento suficiente que lhes possibilite julgar o que acontece. Para evitar que tal ocorra, o dirigente deve ter cuidado, orientando o trabalho de forma inteligente e ensinar como se devem conduzir os participantes do culto. O dirigente deve também instruir os crentes a orarem com fé, mas também com objetividade, isto é, conduzindo o tema da oração para um alvo. Ensinar que a unanimidade na oração é da maior importância quando há um motivo em comum que atinja a todos.

Nos cultos de oração, os cânticos, testemunhos e mensagens não devem ser longos, já que o maior tempo do culto é destinado a oração. A celebração destes cultos, por sua natureza privada, deve ser em local fechado, porém, ventilado.

Dependendo do horário e local, é importante que se recomende baixar o volume da voz, sem com isso limitar a liberdade no espírito. O tempo para cada período de oração deve se ajustar às condições do local e à disposição dos assistentes. Aconselha-se um período máximo de uma hora, não se fazendo desta recomendação uma regra infalível.

Se o culto de oração é uma vigília, então se devem adotar critérios próprios, a fim de que não se torne uma tarefa puramente enfadonha. Os períodos de oração deverão ser intercalados com louvores, testemunhos inspirados. Esses testemunhos devem ser de preferência conhecidos do dirigente, para evitar que o tempo seja tomado com estórias que nada têm de proveitoso.

As vigílias devem ser realizadas em locais onde o povo de Deus ore sem a preocupação de estar incomodando a vizinhança, porém se tal não é possível, não será por isso que se vai deixar de buscar a Deus em ato congregacional durante as caladas da noite; basta orientar cuidadosamente os fiéis para os momentos de oração, fazendo-lhes ver que o local não é muito próprio para fazer grande ruído.

Nos cultos chamados de oração, normalmente vão ou são levadas pessoas com os mais diferentes problemas espirituais, morais, físicos, materiais. Essas pessoas devem ser tratadas com especial atenção, não se permitindo que as suas esperanças sofram arrefecimento, se forem legítimas, e outro tanto de cuidado deve ser empregado para que não sejam nutridas esperanças no próprio culto de oração, no dirigente ou em qualquer ser humano, mas que cada necessidade fique, por fé, nas mãos do Senhor Jesus. Outrossim, todo o povo de Deus deve participar nas intercessões e nos momentos de louvor e agradecimentos.

Neste ponto julgamos oportuno alertar que o batismo com o Espírito Santo é uma dádiva de Deus. Jesus disse: "Eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja para sempre convosco" (Jo 14.16). Logo não é produto de esforço ou da virtude de alguns que, inadvertidamente, entram nas prerrogativas divinas e com sacudidelas, gestos, línguas estranhas forjadas, etc, querem fazer crer que as pessoas foram batizadas com o Espírito Santo. Tais práticas são antibíblicas; portanto, devem ser rejeitadas por todo o servo de Deus fiel e prudente. Orar para que o milagre do batismo com o Espírito Santo aconteça é cabível bíblicamente, mas nunca nos esqueçamos de que quem batiza com o Espírito Santo e com fogo é o Senhor Jesus.

Nos cultos de oração, todos os assuntos podem ser apresentados ao Senhor, salvo quando houver algo de muito particular, que não possa vir ao conhecimento público. Todo o povo de Deus que estiver participando no culto de oração deve ser instruído a apresentar os assuntos a Deus de forma ordenada, unânime e inteligente, evitando-se, assim, as divagações e as vãs repetições. É

glorioso sabermos que temos um Mestre que nos ensina a orar, fiquemos aos seus pés, Ele nos conduzirá a bom termo nas nossas orações, para glória de Deus. Textos próprios para cultos de oração: Isaías 56.7; Zacarias 11.1-13; Mateus 6.9-15; Romanos 8.26-27; Apocalipse 8.3; quem ora Salmo 5.2; Mateus 4.10; Zacarias 23.42; Atos 7.59; 2 Tessalonicenses 3.5; e referências. Outros textos Salmo 5.3; 119; 147; Romanos 12.12; Tiago 5.13; Oséias 14.2; Mateus 7.7; Lucas 18.1.

A ordem nos cultos de oração

É costume nas Assembléias de Deus que todos unânimes orem a Deus nas reuniões. Isso é agradável e salutar, porque oferece a cada um o ensejo de levar a Deus os seus próprios cuidados, as suas próprias necessidades, sem que precise pedir oração a quem quer que seja. Pode ainda agradecer e louvar a Deus em voz audível por todas as bênçãos recebidas. Mas é também bíblico que essa liberdade não deve levar os crentes a uma gritaria carnal, que dá má impressão. É notório que na igreja em Jerusalém todos "unânimes levantaram a voz a Deus", mas também devemos meditar seriamente no fato de que, apesar de haverem unânimes levantado a sua voz a Deus, todos ouviram o que se dizia (At 4.24,31) e a oração foi tão poderosa, que, "tendo eles orado, moveu-se o lugar em que estavam reunidos, e todos foram cheios do Espírito Santo, e anunciavam com ousadia a Palavra do Senhor".

O dirigente de um culto de oração tem de ter o espírito de discernimento, para julgar as profecias, conforme 1 Coríntios 14.29. Aliás, é nesse capítulo que encontramos (versículos 26 a 33) o seguinte tópico: "Que fareis, pois, irmãos? Quando vos ajuntais, cada um de vós tem salmo, tem doutrina, tem revelação, tem língua, tem interpretação. Faça-se tudo para edificação. E se alguém falar língua estranha, faça-se isso por dois, ou quando muito três, e por sua vez, e haja intérprete. Mas, se não houver intérprete, esteja calado na igreja, e fale consigo mesmo, e com Deus. E falem dois ou três profetas, e os outros julguem, mas se a outro, que estiver assentado, for revelado alguma coisa, cale-se o primeiro. Porque todos podeis profetizar, uns depois dos outros; para que todos aprendam, e todos sejam consolados. E os espíritos dos profetas estão sujeitos aos profetas, porque Deus não é Deus de confusão, senão de paz, como em todas as igrejas dos santos".

O dirigente não pode deixar que a desordem impere no culto de oração, sob pretexto de não entristecer alguém: ele tem responsabilidade diante de Deus e da própria igreja. Acreditamos que a profecia só se realiza quando é em verdade uma mensagem divina. Uma "profecia" que não é mensagem divina pode ser até constituída de palavras muito agradáveis, por ser a pessoa que a profere um crente sincero, que agora se deixa enganar, pois não está transmitindo, como pretende, uma mensagem divina, mas uma mensagem de si mesma, o que não constitui profecia. Profecia é a fala de Deus ao homem e não a fala do homem ao homem, embora o homem que a profere, fale boas palavras, por ser um crente sincero. Para se conhecer se a mensagem é de Deus (uma profecia) duas coisas se fazem necessárias: a) que a profecia não contrarie qualquer norma estabelecida na Bíblia Sagrada; se contrariar, de início deve ser cortada pelo dirigente, pois não procede do Espírito Santo; b) que a profecia não pretenda estabelecer normas na igreja, pois, se a profecia fosse para isso, teríamos de colecionar todas as profecias normativas e acrescentá-las à Bíblia, uma vez que seriam PALAVRA DE DEUS. A profecia também não é para resolver casos pendentes, já conhecidos do "profeta". A profecia revela o que é oculto, o que ninguém conhece. A profecia é, principalmente, para "edificação, exortação e consolação" (v.3). No entanto, se a profecia predisser acontecimento futuro, ela pode estar certa. Mas, nesse caso, precisa ser provada e a prova é a realização do acontecimento predito. Se não se realizar, não veio de Deus e a pessoa que "profetizou" é uma impostora, apenas.

Culto de doutrina

Conceito: Doutrinar é ensinar algo a uma pessoa, tornando-a conhecedora de normas, princípios, etc. O conceito de doutrina na nossa ordem, Assembléia de Deus, é ensinar de forma dogmática, isto é, aquilo que se ensina é fixado na igreja como padrão de conduta para todos os crentes, são as doutrinas bíblicas. Sabemos que há um variado número de conceitos sobre doutrina e até certos costumes (alguns ótimos), receberam a classificação de doutrina, mas, na realidade, continuam sendo apenas bons costumes adotados na igreja e que fazem bem ao crente que os observa.

Temos feito esta breve introdução, mas o que pretendemos dizer neste ponto é que o culto chamado de doutrina é da mais alta importância para o crescimento espiritual da igreja. Logo é fator que exige maior grau de responsabilidade de quem tem a direção, especialmente se vai fazer uso da Palavra para doutrinar.

É possível que um obreiro dirija o culto e outro entregue a Palavra doutrinária à igreja, mas é sabido por todos que ao pastor da igreja ou ao seu preposto imediato é que cabe tal função nos dias para isso designados. Sendo assim, o dirigente do culto nunca deve passar esta responsabilidade para outra pessoa, a menos que seja algo já combinado, sem prejuízo para a congregação.

Nos cultos de doutrina, não há necessidade da atuação de corais, conjuntos musicais, etc. Um período de oração é o melhor preparo para o momento doutrinário, contudo a maior parte do tempo deve ser ocupada com a exposição da Palavra.

Vamos lembrar que o ato de doutrinar difere do de pregar um sermão, não havendo necessidade de gestos e tom de voz que são mais próprios para um culto público de cruzada evangelística. Também não devemos fazer do culto de doutrina uma oportunidade para cochilos no templo. O culto deve ser vivo, dinâmico, alegre como todos os cultos. A participação dos presentes, em todos os momentos, é cabível, lendo algum texto, respondendo a alguma pergunta feita pelo doutrinador que, normalmente, é o próprio dirigente do culto.

Nos cultos de doutrina ensinamos os crentes a assumirem uma conduta honesta, fiel, santa e pura em toda maneira de viver, e a melhor maneira de imprimir tais ensinamentos é demonstrar essa conduta na condução do culto, a partir do início, observando a hora de começar o trabalho, etc. Ensinar uma coisa que não se vive não tem sentido. Todo o doutrinador tem a obrigação de viver aquilo que ensina. Há um outro cuidado que se deve ter quanto ao culto de doutrina: é não permitir que ele se torne uma oportunidade para o doutrinador usar todo o seu ímpeto, aplicando a mensagem com "pauladas", "chicotadas", etc. O culto de doutrina é a maior bênção para o crescimento firme da igreja. Vamos, pois, ter zelo na sua condução, para a glória de Deus.

Culto em ação de graças

Muitos são os motivos que levam o povo de Deus a celebrar um culto em ação de graças. Essa iniciativa tem respaldo bíblico, pois que a Palavra de Deus nos aconselha, reiteradas vezes, a sermos agradecidos e é muito importante que a alegria que ocupa o coração do crente que recebeu uma bênção especial de Deus seja compartilhada com os demais, e todos alegremente glorifiquem a Deus.

O dirigente dos cultos em ação de graças precisa ter certa habilidade, em razão dos diferentes momentos, locais, motivos, etc, para esse culto. Às vezes, o culto obedece a um certo programa previamente elaborado pelo interessado. Em tais casos, o dirigente deve acautelar-se, não ficando indiferente a esse programa, mas tendo cuidado de examinar todos os atos a serem praticados no culto, a fim de evitar que alguma aberração prejudique o sentido espiritual do evento. Outras vezes o local onde se realiza o culto exige maior prudência por parte do dirigente, tanto no que se refere a oportunidades que faculte, como em duração do trabalho. E quanto ao motivo ou motivos, é sábio que o culto alcance o seu objetivo e que o fato gerador da ação de graças seja focalizado dentro do cabível durante as solenidades, para que justifique a celebração e testifique do poder e da misericórdia do nosso Deus. Como todo culto, este também deve ter o seu início e conclusão com oração. Quando o culto é por aniversário ou êxito alcançado por algum empreendimento, é oportuno que se parabeneze a pessoa que alcançou a bênção e se faça uma oração especial de agradecimento.

Nota importante para a direção do culto

1. Queremos lembrar, com apoio bíblico, que há entre nós um respeito àqueles que ocupam cargos mais honrosos; portanto, quando o obreiro que está dirigindo o culto recebe visita de algum outro obreiro nessa posição, a ele deve passar a direção do culto, observando-se o seguinte:

a) O obreiro para quem se vai passar a direção do culto deve ser do mesmo ministério e igreja a que pertence o que está na direção.

b) Nunca se passa a direção de um trabalho a um obreiro desconhecido, mesmo que venha com recomendação.

c) Quando o obreiro que recebe a direção do trabalho achar oportuno, deve deixar que a direção continue com quem lha transferiu.

d) Se a direção é específica, não cabe ser passada. Exemplo: a realização de uma tarefa designada pelo pastor da igreja que de forma expressa determinou que fosse cumprida por determinado obreiro. Neste caso, o obreiro não deve passar a direção ou oportunidade, pois que é uma missão pessoal e específica.

e) Também na direção de um culto, deve-se ter o cuidado de não oferecer oportunidade a um obreiro de função menos elevada do que a daquele que falou. Ex.: o diácono após o presbítero, etc. Estas recomendações não são rígidas, mas as deixamos aqui consignadas a bem da boa ordem. Alguns textos bíblicos apropriados para um culto em ação de graças: Salmo 103.1-5; 1 Tessalonicenses 5.18; Colossenses 3.15-17; Salmo 116.12-14; 1 Timóteo 1.12 (ordenação); 1 Coríntios 29.10-14; Salmo 106.1-3; Efésios 5.20; Salmo 105.1-5.

Culto ao ar livre (evangelismo)

A evangelização é a mais importante tarefa da Igreja do Senhor aqui na terra. O culto ao ar livre é uma excelente forma de cumprirmos a nossa missão evangelizadora. Tem sido, entre nós, fator de grandes bênçãos para a igreja no que tange ao seu crescimento numérico; logo, o ar livre não pode ser deixado à mercê de quem não tem o mínimo de orientação e sabedoria para conduzir o culto a bom termo.

Todo o dirigente de um ar livre deve observar o seguinte:

a) Formar sua equipe ou grupo de cooperadores orientando os seus integrantes como proceder quando se acharem no trabalho. (A prudência no falar, o tema que irão abordar, o contato com as pessoas, a distribuição de literatura, e o comparecimento no horário e local indicados, etc, são temas que devem ser ensinados.)

b) Dar sempre ciência dos seus atos e resultados do trabalho ao pastor da igreja.

c) Cooperar na consolidação do trabalho feito, utilizando sua equipe neste importante serviço.

d) Distribuir os trabalhos, determinando com amor e muito tato as tarefas que cada participante terá de cumprir.

e) Sempre que possível, conhecer o conteúdo do tema do que vai ser apresentado por alguém que pediu a oportunidade, isso para evitar que aberrações tenham lugar durante o trabalho.

f) Cuidar que o culto não se prolongue mais que o necessário.

g) Fazer sábia escolha dos hinos a serem cantados e do texto a ser lido.

h) Nunca levantar ofertas ou mesmo falar em dinheiro no trabalho de ar livre.

i) Procurar sempre conduzir os trabalhos com muita sabedoria, mantendo o domínio do Espírito numa total dependência de Deus.

Os cooperadores do ar livre

Cabe a quem vai cooperar no ar livre observar o seguinte:

a) Conservar o seu grau de preparação espiritual e natural sempre crescente.

b) Seguir as orientações dadas pelo dirigente do trabalho.

c) Cumprir com fidelidade a tarefa que lhe foi confiada: orar, testemunhar, cantar, pregar, ler a Palavra, fazer apelo, etc.

d) Não exceder-se no tempo que lhe foi permitido usar.

e) Ter cuidado e estar na dependência de Deus para a escolha e apresentação do tema que usará para anunciar a salvação na pessoa de Jesus.

f) Não fazer referência a pessoas públicas, autoridades civis, militares, eclesiásticas, a menos que sirva para engrandecer o nome do Evangelho, mas tudo sem agressões ou afrontas.

g) Não atacar religião alguma, mas anunciar o perdão em Jesus Cristo.

h) Não insultar nem desafiar demônios, provocando-os, o que sempre perturba o trabalho.

(A Bíblia manda-nos resistir ao Diabo e não provocá-lo • Tg 4,7.)

i) Ajudar na consolidação do trabalho realizado.

j) O obreiro deverá se apresentar o melhor possível não comparecendo perante o público com a sua roupa em desalinho e com aspecto não recomendável a quem trabalha no mais importante serviço confiado aos homens.

Celebração da Ceia do Senhor

A Ceia do Senhor é um memorial neo-testamentário que representa a mais sublime festa da igreja aqui na terra. Foi estatuída por Jesus para que os seus servos sempre que a celebrem tenham renovada a memória dos seus padecimentos na cruz do Calvário. É um ato por demais solene, e quem o oficia precisa ter o pleno conhecimento bíblico acerca dele. A instituição da Ceia teve lugar no período pascal, ou seja, quando o povo judeu ia, como rito, celebrar a Páscoa. O Mestre querido já antevia o momento do seu sacrifício na cruz, assim como a celebração da Páscoa era um memorial para os judeus com relação à libertação que Deus lhe concedera, tirando-os do Egito, a Ceia representa para os seguidores do divino Nazareno um memorial que fala da gloriosa, incomparável e eterna libertação que Deus em Cristo outorgou à Igreja. Paulo disse: "até que venha", precisamente até que Ele venha devemos comemorar os seus padecimentos que representam o alto preço pago para redimir-nos dos nossos pecados.

A direção do culto de Santa Ceia requer o máximo de reverência. O oficiante deve cuidar de que todos os comungantes estejam total e devotadamente voltados para o ato, não permitindo que outros misteres alheios à Ceia tenham lugar. Durante a celebração, pode-se permitir ao povo de Deus dizer versículos bíblicos, e é um bom costume nas Assembléias de Deus no Brasil. Cânticos congregacionais poderão ser entoados. A atuação de conjuntos corais, e musicais é cabível durante a distribuição dos elementos. Nunca se pode interromper a Ceia com testemunhos, coleta de ofertas, anúncios de qualquer natureza, ou qualquer outro assunto, para que as atenções não sejam retiradas de tão sublime ato.

Passos para o ofício

1. Leitura bíblica de um texto que fale do ato: Mateus 26.26; Marcos 14.22-26; 1 Coríntios 11.23-32, etc. Após a leitura, é conveniente uma ligeira explanação sobre o ato, levando os fiéis a uma conscientização do que vão participar e como vão fazê-lo.

2. Após a explanação, far-se-á a consagração do pão com uma oração com toda a igreja. Dizer o que representa o pão à luz da Palavra de Deus é de suma importância, pois no nosso meio sempre temos novos crentes. O pão, dentro dos nossos costumes, deve ser partido logo após a oração. O oficiante citará o texto bíblico: "E, havendo dado graças, o partiu". No partir do pão, ministros em número necessário poderão ajudar havendo, inclusive o oficiante, antes lavado as mãos para demonstrar boa higiene. Durante o partir do pão se poderão ouvir louvores.

3. O oficiante iniciará a entrega das bandejas aos diáconos, que já deverão estar dispostos em boa ordem para o trabalho. É importante que se instrua os ministros auxiliares a não darem passos na frente do oficiante para não parecer desrespeito ou desordem. Quer dizer: não partir o pão antes, não fazer a entrega dos elementos antes da primeira entrega feita pelo oficiante, não se adiantarem nem mesmo na lavagem das mãos, etc.

4. Quando já distribuído o primeiro elemento, o oficiante perguntará se todos o receberam, para evitar que alguém estando orando ou por outro motivo não haja sido servido. Logo que todo o corpo da igreja estiver servido, serão servidos os diáconos e o oficiante será servido por seu ajudante no ofício ou por um oficial da igreja, e dirá a expressão bíblica: "Tomai, comei, isto é o meu corpo que é partido por vós..." Todos comerão naquele momento.

Observação: Queremos lembrar que o dito acima é o que achamos mais próximo do simbolismo bíblico, inclusive quando se deseja dar uma interpretação literal à recomendação de Paulo em 1 Coríntios 11, contudo, não desprezamos aqueles que, por costume herdado, fazem de maneira diferente, isto é, já levam o pão cortado. Mas, com todo o respeito, queremos dizer, que a forma acima exposta é mais segundo a Bíblia; portanto, mais original e reverente. Acrescentamos ainda que não pretendemos introduzir mudanças forçadas nas igrejas cujos dirigentes procedem de forma diferente da que sugerimos e seguimos. Mas sempre procuramos ficar o mais ligado possível

ao simbolismo da Ceia do Senhor.

5. A segunda parte é a consagração do cálice que representa o sangue do Senhor, vertido por nós na cruz. É bom sempre lembrar que o sangue é o preço da nossa redenção. Com a oração feita, o oficiante fará a entrega da primeira bandeja devendo ser ajudado pelos ministros auxiliares. Do mesmo modo que os diáconos se postam para a distribuição do pão devem fazê-lo para a distribuição do cálice.

6. Enquanto os diáconos distribuem o cálice no corpo da igreja, o ministro oficiante poderá estar servindo os ministros auxiliares. Nesta fase, a igreja ou os corais estarão louvando a Deus, e poder-se-á permitir que os versículos bíblicos sejam recitados pelos presentes. O oficiante será servido por seu auxiliar de ofício ou por um oficial da igreja.

7. Quando os diáconos retornarem de servir à igreja, far-se-á a mesma pergunta: se ficou alguém sem ser servido. O oficiante, certificado de que toda a igreja foi servida, fará servir os diáconos.

8. Após concluída a distribuição dos elementos, o ministro oficiante pedirá à igreja que se levante para agradecer a Deus pelo privilégio alcançado.

9. Após a Ceia, é bom que não se faça qualquer outra coisa no culto, a fim de conservar os bons momentos vividos durante a celebração.

Observação: Em algumas igrejas há o costume de servir o vinho em cálice único. Respeitamos o ponto de vista de quem assim o faz, porém achamos ser mais higiênico, e racional o uso do cálice individual, mesmo porque na prática do cálice único se distribui não um cálice mas vários, a menos que o grupo a ser servido seja pequeno. Como dissemos anteriormente, não queremos que os costumes mantidos por décadas em certas igrejas sejam desprezados, deixamos tão-somente aqui o que é mais usual e praticado nas Assembléias de Deus no Brasil.

Unção com óleo

A unção com óleo tem sido matéria duramente discutida por alguns ministérios. Polêmicas se têm levantado em torno do assunto. Achamos desnecessário tecer comentários sobre este tema, visto que a Bíblia o define com clareza, não deixando qualquer brecha. Bastante é abriremos a Bíblia em Tiago 5.14,15 e fazer consoante ao que se acha capitulado no livro sagrado. Temos, no entanto, de explicitar o seguinte:

1. A unção é praticada pelos presbíteros (os pastores são também presbíteros). Não é, biblicamente, função de mais ninguém.

2. Não se deve sair oferecendo unção. A Bíblia diz: "Chame os presbíteros..."

3. Observar se o lugar onde se encontra o enfermo não oferece impedimento à efetivação do ato. (As vezes o estado do enfermo exige cuidados rigorosos do médico; em tal caso, é prudente comunicar ao facultativo que pretende realizar esse ofício religioso, isso para evitar complicações com a administração hospitalar.)

4. O local da unção (aplicação do óleo), não é o da enfermidade. Nós estamos autorizados a ungir o enfermo e não a enfermidade. Fazer o enfermo beber óleo é um procedimento totalmente extrabíblico e nada tem a ver com a unção bíblica e é da exclusiva responsabilidade de quem o faz. (Deus não se acha na obrigação de responder pelas ações que se praticam fora do contexto bíblico.)

5. É conveniente que se diga ao enfermo que o óleo é usado tão-somente como um símbolo do Espírito Santo e quem tem a virtude para curar é a oração da fé: "E a oração da fé salvará o doente e..."

6. Há muitas pessoas que, por não alcançarem a cura quando unidas por um determinado obreiro, pedem a unção outra e outras vezes, o que achamos desnecessário, pois o que se precisa não é de mais unção com óleo e sim de fé no poder operador do nosso Deus.

7. O ato deve ser *praticado* com muita convicção e fé, e nunca de forma superficial ou leviana. Quem unge um enfermo em nome de Jesus deve tomar a autoridade da Palavra de Deus para repreender a enfermidade, tendo o cuidado de não agir com precipitação.

O Espírito Santo de Deus continua oferecendo aos seus abnegados e fiéis servos as diretrizes para que com prudência realizem todo o trabalho que lhes cabe cumprir.

Que Deus a todos ajude a não mudar o que está definido na sua Palavra! Amém.

Batismo em águas

O batismo em águas é uma ordenação do nosso Mestre e Senhor, conforme Mateus 28.19; Marcos 16.15,16 e referências. O ato deve ser praticado de forma bíblica e com quem vive a vida recomendada pela Palavra de Deus. O exame de quem vai ser batizado deve ser feito, sempre que possível, pelo pastor da igreja.

Após as instruções finais que o pastor da igreja ou alguém por ele indicado transmita, e a apresentação dos candidatos ao plenário da igreja para, após uma oração, serem levados às águas batismais, o oficiante se colocará em posição de efetuar a sua importante tarefa. Fará uma oração antes de dar início ao ato.

1. O batizando será orientado a colocar as mãos entrelaçadas sobre o peito (mãos superpostas).

2. O batizante colocará a mão que vai suportar o peso do batizando um pouco abaixo da nuca deste e, levantando a outra mão ao alto, lhe fará as seguintes perguntas:

- a) O irmão (a) crê que Jesus é o Salvador e Senhor de sua vida?
- b) Promete viver para Ele durante toda a sua existência?
- c) Está disposto a obedecer à sua Palavra incondicionalmente?

3. Após ouvir o "Sim." do candidato, o oficiante dirá: Segundo a tua confissão, o teu testemunho e a ordem de nosso Senhor Jesus Cristo, eu te batizo em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo. Ato seguido colocará a outra mão sobre as mãos postas do batizando, e, com muita firmeza e delicadeza, e, mais que tudo, muito reverentemente, o inclinará para trás até submergi-lo totalmente, com a maior rapidez, levantando-o logo para a posição ereta e o conduzindo a quem esteja ajudando.

4. Durante a realização do batismo, o oficiante deve acautelar-se quanto à má compostura de algumas pessoas, especialmente irmãs. (Esta recomendação é feita para que tão solene ato não se tome uma ocasião para escândalos ou gracejos.)

5. O oficiante terá seu uniforme bem apresentável e deve usar gravata para bem recomendar-se e ao ministério que exerce, e, ao mesmo tempo, destacar-se dos demais que irão às águas do batismo. Deve usar sapatos (congás) de cor branca e a calça que usar sob a capa deve também ser branca, a fim de ficar tudo uniforme.

6. Se houver alguém enfermo com certa gravidade ou com dificuldade de locomover-se, aconselha-se batizá-lo por último, por ser mais prudente e oportuno.

7. Ao concluir o batismo, o oficiante fará uma oração, após dar ciência ao dirigente do trabalho que conclui o ato.

Importante:

1. Se o batismo for efetuado em águas correntes, é prudente que o oficiante conheça previamente o local e tenha auxiliares consigo para evitar perturbações à solenidade.

2. Cabe a quem ficar na direção do trabalho fazer a distribuição de outros atos que terão lugar paralelamente, como cânticos de hinos, execução de peças musicais, momentos de adoração. A não ser o que se tem dito, outras atividades como avisos, coleta de ofertas, etc, jamais poderão ser praticadas no momento do batismo.

Separação (ordenação) de obreiros

O ato ordenatório de obreiro para exercer qualquer função ministerial é da maior significação, tanto para o próprio obreiro como para a igreja a que pertence, e não é menos importante para quem o oficia.

A indicação do obreiro cabe à igreja com seu corpo ministerial, porém quem tiver a tarefa espiritual de ministrar a ordenação leva também consigo grande parcela de responsabilidade no ato de imposição de mãos, conforme se vê na Palavra de Deus. Cabe ao ministro que oficia o ato ordenatório expor com clareza a importância do exercício do Ministério que o candidato vai desenvolver e que é sua obrigação diante de Deus e dos homens desempenhá-lo com honestidade, firmeza de caráter e, sobretudo, predisposição e renúncia a tudo que porventura o possa embarçar no cumprimento de tão elevada missão, sujeitando-se totalmente à vontade de Deus, à sua Palavra e à orientação do Espírito Santo em todo e qualquer ato que venha a praticar dentro das funções que lhe forem conferidas como diácono, presbítero, etc.

Ordenação a ministro

O conceito de ministro entre nós é de quem foi regularmente separado para exercer o ministério de evangelista, pastor, etc. Alguns Ministérios e Convenções concordaram não fazer distinção entre a ordenação para Evangelista e Pastor, considerando que esses ofícios pertencem a um único ministério, embora exerçam funções distintas, segundo a vocação recebida da parte de Deus. Particularmente, achamos mais acertada esta forma de ordenar Ministros ainda que respeitamos a tradição de alguns Ministérios Regionais, que consagram para cada cargo ou função, separadamente. De qualquer forma, cabe a quem oficia o ato ordenatório focalizar que o ministro vai exercer esta ou aquela função ministerial e fazer alusão às características da referida função. A leitura bíblica é indispensável. Oferecemos aqui alguns textos que podem ser utilizados: Efésios 4.11-13; Marcos 3.13-15; Atos 13.1-3; 2 Timóteo 2.15; 4.1,2,5; etc.

Após a leitura, a explanação da Palavra não precisa ser longa, porém deve ser objetiva. O oficiante deve animar a igreja dizendo que ela está recebendo uma bênção da parte de Deus. Ao ministro a ser ordenado dizer que ele vai servir à Igreja do Deus vivo, à Noiva do Cordeiro; portanto, deve proceder com o maior zelo e dedicação, sabendo que ao Senhor está servindo.

Nota: Não tem sido praxe, porém em muitas igrejas usa-se convidar a esposa do candidato para ficar em frente ao púlpito, para ser vista pela congregação, o que a estimula a identificar-se com seu marido, a quem deve ajudar, para que seu esposo possa cumprir eficazmente o seu desiderato ministerial. O fato de a esposa do obreiro vir à frente e ficar ao lado do esposo, ou com outras esposas nas mesmas condições, não significa uma ordenação da esposa para o ministério. Sabemos que uma esposa de ministro do Evangelho tem papel de maior relevância na vida e no ministério de seu esposo; é, pois, justo que a igreja reconheça isso e interceda por tão importante participação da serva do Senhor. Ordenar mulher para o ministério não é bíblico, mas orar pela esposa do ordenado é.

O ato

O oficiante fará o candidato ajoelhar-se, convidará todos os ministros presentes a participarem da imposição de mãos e fará a oração ordenatória, suplicando a Deus a confirmação daquele acontecimento.

Após, o ministro cumprimentará o novo ministro, se for oportuno, ou deixará para o fim do culto, se o número de ordenados for grande. As congratulações, se forem numerosas, poderão até ocupar um tempo específico e exclusivo, de acordo com a designação do pastor da igreja onde se leva a efeito o ato, Costuma-se lavrar uma ata de ordenação, o que é muito importante; o oficiante deve assiná-la conjuntamente com o secretário e o pastor da igreja, se não for o próprio oficiante.

Consagração a presbítero

A consagração do presbítero tem a sua base bíblica em 1 Timóteo 3.1-6; Tito 1.5-9; 1 Pedro 5.1-4. A função já foi mencionada em Atos 20.17-28, onde são chamados anciãos e bispos. O ato de consagrar alguém a presbítero não é o resultado de esforços humanos, nem o reconhecimento de méritos pessoais, nem mesmo deve ser praticado só em função das necessidades do trabalho do Senhor. O exercício ministerial do presbítero é uma vocação e chamada divina, feita pelo Espírito de Deus.

Entre nós, nas Assembléias de Deus no Brasil, a função ministerial dos presbíteros foi colocada como sendo um trabalho que o obreiro realiza em escala local sob a orientação do pastor da igreja, onde o presbítero serve, sendo, assim, um auxiliar imediato do pastor. Biblicamente, o presbítero pode exercer todos os ofícios do pastor, quando constituído numa igreja, conforme Tito 1.5-9. (Função pastoral.)

Queremos chamar a atenção do leitor para este assunto, pois é coisa da maior importância para a igreja, já que o presbítero pode funcionar como dirigente, como ensinador da palavra, etc. Isto posto, é inadmissível que, a prática de "elevar" (promover) *qualquer pessoa* ao presbiterato continue tendo lugar entre nós. O presente comentário e roteiro auxiliar de cerimônias não visa a estabelecer pontos de vista doutrinários, mas, diga-se de passagem, inúmeros casos há de consagrações ilegítimas ao ministério de presbítero. Não se deve colocar ninguém no presbitério da igreja como ato de favoritismo ou por força de imposições humanas.

O presbítero deve ser um homem nos moldes fixados na Palavra de Deus; portanto, quem recebe o elevado encargo de consagrar alguém a presbítero deve ter em mente o que prescreve o manual de Deus e o ato ordenatório requererá os seguintes passos:

1. O oficiante lera um dos textos já mencionados ou outro que Deus lhe conceda. (Naturalmente será dentro do assunto.)

2. Dirá aquilo que por Deus foi inspirado sobre o ministério de presbítero, lembrando à igreja do Senhor que constitui uma grande bênção a consagração de vidas para servirem no altar da fé dos santos. Convém dizer que é dever da congregação honrar o homem de Deus que trabalhará no ministério da Palavra, coadjuvando o pastor nas tarefas gerais da igreja.

3. O oficiante chamará o candidato ao presbiterato (se ainda não o tiver feito) e lhe dirá da grande responsabilidade que assume diante de Deus e de sua igreja. É oportuno tomar do consagrando o compromisso verbal, diante da igreja e do presbitério, de que será fiel à Palavra de Deus, leal ao seu pastor e à igreja à qual passa a servir na nova função, tudo fazendo para que os atos que venha a praticar sejam sob a direção do Espírito Santo, não se envolvendo em questões alheias ou movimentos facciosos, que geram contendas e prejuízos para a igreja.

4. O oficiante fará o candidato ajoelhar-se na plataforma, e fará a oração consagradora ou pedirá a outro ministro que a faça. A igreja estará de pé, para orar e receber o novo obreiro. Os demais ministros e presbíteros presentes (se houver) imporão as mãos sobre o consagrando, enquanto se fará a oração que deve ser objetiva, curta e fervorosa.

5. Após a oração, o oficiante cumprimentará o obreiro (se for oportuno) e passará a palavra ao pastor da igreja, se não for ele o próprio.

Nota: A escolha, exame e apresentação do candidato à igreja é da alçada do seu pastor, e tudo isso já deve ter sido feito em outra oportunidade propícia. Deve-se ter cuidado com a prática de surpresas que só trazem satisfação humana.

Separação a diácono

A instituição do diaconato teve origem na necessidade de alguém que cuidasse dos afazeres materiais da igreja, ou seja, na ocasião, no atendimento às mesas, tanto no que ao labor social diz respeito, como também pelo próprio sentido da palavra diácono (At 6.1-5).

O trabalho diaconal, de natureza material, não exclui a necessidade de termos o diácono em grande consideração e apreço, tratando-o como recomenda a Palavra de Deus. A separação de servos de Deus para o diaconato tem base no Livro Sagrado; portanto, o ato de separar alguém ao diaconato não é de pouca importância. Em primeiro lugar, o trabalho do diácono, mesmo tendo

feição material, não deixa de ser espiritual, posto que é prestado a Deus, através da igreja. Logo, ao separarmos diáconos, devemos ter o sério cuidado de verificar se os candidatos reúnem as condições indicadas em Atos 6.1-5 e 1 Timóteo 3.8-13. Esses cuidados estão afetos ao pastor, ministério e igreja que apresentam o candidato. Contudo, deve o oficiante do ato consagratório ter em mente que está realizando uma ação bíblica; portanto, deve ler a Bíblia nos textos que tratam do assunto. Após a explanação da palavra, o oficiante procederá na forma que procedeu para a consagração dos presbíteros, sendo que somente os presbíteros e pastores participarão da imposição de mãos sobre os consagrados.

Os cumprimentos podem ser praticados como anteriormente aludimos no caso da ordenação de ministros e consagração de presbíteros.

Natal

A celebração do Natal tem sido muitas vezes colocada em juízo, em razão da falta de fundamento bíblico específico. Também há conflito quanto ao tempo do nascimento de Jesus, afirmando alguns que a data já consagrada pelo mundo chamado cristão, isto é, 25 de dezembro, não é exata.

O certo é que no Natal aproveitamos a ocasião para exaltar, de forma específica, o grandioso acontecimento de Belém. A Bíblia nos ensina que tudo devemos fazer para a glória de Deus, então, para que a nossa celebração natalina contribua para a glória do Senhor, devemos ater-nos aos postulados bíblicos e nunca permitir, como algures tem acontecido, que a celebração do Natal de Jesus seja uma exibição de talentos humanos, com apresentação de peças pitorescas que só agradam ao intelecto, especialmente dos espiritualmente vazios.

Se vamos celebrar o Natal de Jesus, o que mais nos interessa é Jesus mesmo. As declamações, recitativos, cânticos, tanto das crianças, como dos jovens ou adultos, devem estar em perfeita sintonia com o padrão bíblico doutrinário que esposamos.

As pessoas escolhidas para elaborar e ensaiar o programa de Natal devem ser, acima de tudo, espirituais, submissas à Palavra de Deus e obedientes ao pastor da igreja, e nunca cheias de si mesmas, para que não tragam à igreja do Senhor aquilo que não edifica.

É conveniente que o pastor da igreja assista, pelo menos aos ensaios gerais, tomando, assim, conhecimento, de todo o conteúdo do programa.

O que aqui expomos não constitui normas permissivas ou proibitivas para qualquer igreja, tão-só queremos dizer que todo aquele que deseja agir dentro dos limites bíblicos, terá prazer em seguir as linhas aqui traçadas.

O número de partes não deve ser tão elevado que se torne enfadonha a sua apresentação, dando lugar a que o culto termine além do horário habitual, sem deixar tempo para a conclusão, que certamente deve ser aproveitada para convidar os pecadores a aceitarem o Salvador.

O cenário deve ser ornamentado dentro dos padrões usados normalmente pela igreja. Nada de constelações, presépios, sinos, lâmpadas intermitentes em árvores de Natal. As vestimentas representativas devem ser próprias para um culto a Deus, onde a seriedade deve ter primazia. Os cânticos gerais com a igreja devem ser de assuntos relativos ao Natal. A música será animada e compatível com o momento.

A leitura bíblica será feita nos textos próprios, como Isaías 9.2-7; Miquéias 5.2-4; Mateus 1.18-25; Lucas 2.1-20, etc. A oferta faz parte do culto. Não esqueçamos de que no Natal de Jesus também levaram ofertas.

Observação: É prudente que as partes a serem apresentadas sejam escritas por autores comprovadamente espirituais e que as poesias tenham conteúdo bíblico legítimo e nunca sejam invencionices de quem tem apenas dotes naturais para escrever, mas carece da unção e da inspiração divinas e bem assim do sadio conhecimento bíblico.

Celebração de casamento

O casamento, como instituição divina que é, tem o seu fundamento, normas, e princípios contidos na Palavra de Deus. Quanto à maneira de celebrá-lo, não há muitas opções, se desejamos que o ato se realize satisfatoriamente, dentro dos critérios bíblicos, éticos, culturais e legais.

Temos duas modalidades de casamento: o casamento religioso com efeito civil, amparado no decreto-lei 1110, de 23 de maio de 1950, que consideramos em primeiro plano, e o casamento com caracteres apenas religiosos.

O casamento religioso com efeito civil, com fulcro no decreto-lei acima citado é celebrado pelo ministro e deve ter o seguimento abaixo:

1. Os nubentes devem, através do escrivão "ad hoc" que funciona na igreja, ou por conta própria, habilitarem-se para o casamento no cartório da sua circunscrição.

2. Após habilitados, apresentarão a certidão de habilitação ao escrivão "ad hoc" já referido, havendo antes comunicado e acertado tudo com o pastor da igreja, quanto à data e outras implicações de ordem eclesiástica.

3. Com base na habilitação, o escrivão "ad hoc" lavrará o termo de casamento em formulário oficial e o fará constarem livro próprio da igreja que servirá de prova para o registro civil do casamento.

Importante: Para evitar mal-entendidos que possam gerar desgostos na realização do casamento, é prudente que os nubentes sejam orientados pelo oficiante do casamento ou por seu pastor, se este não for o oficiante, quanto à significação do ato, e o que ele representa diante de Deus e da sociedade; é o que chamamos de aconselhamento pastoral antenupcial. Nesta ocasião, convém saber dos nubentes se sabem tudo sobre o regime que adotaram para se unirem em casamento perante a lei. Orientá-los a pedirem esclarecimentos no órgão oficial, se tiveram dúvidas, é uma boa medida.

• O ensaio para o ato, no local do evento, é de grande valia, pois isso evita procedimentos constrangedores na hora da cerimônia. Aconselha-se que o noivo sempre esteja à direita da noiva. Como disporão o cenário, fica a critério dos noivos, naturalmente ouvido o pastor da igreja ou o responsável pelo local onde se celebrará o ato.

• O oficiante deve familiarizar-se com os nubentes, tratando de guardar na memória os seus nomes ou tê-los anotados sobre a mesa (púlpito) para consulta quando necessário.

• O oficiante deve ter a certeza de que o termo foi lavrado de acordo com a habilitação expedida pelo Cartório. Este cuidado deve ter lugar bem antes do horário do casamento.

• É importante que a parte musical do ato religioso já esteja bem ordenada, para que não haja improvisações vexatórias, inclusive o músico que vai tocar na entrada dos nubentes deve ocupar o seu lugar com tempo suficiente. Se a música a ser tocada for em gravação, o operador deve estar no lugar do ato momentos antes, havendo já feito o teste de funcionamento dos instrumentos.

O ato civil

1. Os nubentes ingressam ao local da solenidade na forma que convencionaram, sob o som da música escolhida para o ato. O oficiante ao mesmo tempo ocupa a sua posição.

2. Os nubentes com as testemunhas se posicionam e logo o ministro dirá as seguintes palavras:

Comparecem a este santuário (*fulano*) e (*fulana*) para solenemente unirem-se em matrimônio, havendo sido cumpridas as formalidades legais, conforme consta do documento n.º _____ expedido pelo _____, etc.

• O oficiante perguntará se entre os presentes há alguém que se oponha a este ato. (Esta pergunta consta das formalidades capituladas no Código Civil.)

• Em seguida o oficiante fará ao noivo a seguinte pergunta:

(Nome do noivo) persiste no firme propósito de, por livre e espontânea vontade, casar-se com (nome da noiva)?

(O "Sim!" deve ser ouvido, sem o que não houve a manifestação da vontade para a efetivação do casamento.)

- A mesma pergunta acima será repetida à noiva que por sua vez deverá também responder: "Sim!"

- Ato seguido, o oficiante pronunciará as seguintes palavras: "Diante de vossa manifestação de vontade, de vos receberdes em matrimônio, eu, representando, neste momento o magistrado civil, em nome da Lei vos declaro casados. (Nesse instante a audiência deve estar de pé, logo após deverá ocupar os seus assentos.)

- O oficiante anunciará a leitura do termo de casamento que será efetuado pelo escrivão "ad hoc". Após a leitura, seguir-se-ão as assinaturas no termo do livro da igreja, na ordem prevista na lei: oficiante, noivo, noiva, testemunhas.

Logo após as assinaturas, o ministro iniciará o ato religioso, com uma leitura bíblica, seguida de uma breve oração, estando todos de pé. Os textos lidos podem ser, por exemplo: Gênesis 2.18-24; Hebreus 13.1a; Efésios 5.22-33; João 21.11, etc... Feita a leitura e a oração, o ministro fará as explicações, conforme a direção do Espírito Santo. O tempo para esta elocução não deve ir além de 15 minutos. Se houver mais de um cântico, coral, conjunto, ou solo, deve o primeiro ser executado logo após a leitura da Palavra e antes de qualquer explicação. Os demais logo após a palavra de aconselhamento. Recomenda-se não incluir no programa mais de dois louvores.

A palavra

- Feita a explicação da Palavra de Deus, o ministro se dirigirá aos nubentes com as seguintes perguntas:

O irmão (*fulano*) promete diante de Deus, tomar a irmã (*fulana*) como sua legítima esposa, ajudá-la, assistir-lhe, protegê-la em todos os momentos da vida sejam de bonança ou de adversidade? (Repetir as expressões acima com a noiva.)

Após, o ministro dirá: "Diante do que acabais de afirmar perante mim, _de vos receberdes em matrimônio conforme a Palavra de Deus, eu, ministro do Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo, vos proclamo casados, constituídos em família, marido e mulher."

Colocação das alianças

O ministro, tomando as alianças nas mãos, as levantará um pouco e, separando-as uma da outra, dirá: "Que estas alianças, feitas de metal nobre, sirvam como memorial deste pacto feito diante das testemunhas presentes", etc. O ministro entregará ao noivo a aliança da noiva para que nela a coloque no dedo e mão correspondente. O mesmo fará com a noiva.

Após, o ministro os fará ajoelhar para receberem as bênçãos. Com os presentes de pé orará especificamente pela vida que os nubentes iniciarão, a partir daquele momento, na qualidade de casados. Ato seguido, o ministro impetrará a bênção apostólica sobre o casal na mesma forma que o faz ao fim de cada culto. Só que terá em conta as pessoas dos nubentes e não à congregação. Conclui dizendo: "O que Deus ajuntou não o separe o homem."

Bodas de ouro ou de prata

É um ato consagrado pela sociedade, mas é também uma boa oportunidade para louvar a Deus pelas vitórias concedidas aos cônjuges pelo tempo de boa convivência conjugal, pelos descendentes (se houver) que resultaram da união.

1. Em primeiro lugar, o ministro deve conhecer o quanto for possível sobre o viver feliz do casal, a fim de que suas afirmações acerca deles não fujam à verdade. É claro que só deve ser mencionado aquilo que, de forma positiva, marcou a vida do casal. Esta cerimônia não precisa ser longa como se um culto de pregação fosse.

2. O oficiante iniciará sempre com oração; os preparativos para tornar o ato mais solene podem ser como se um novo casamento acontecesse. Entrada, púlpito, música adequada, tudo disposto para o evento.

3. Diante do ministro, os cônjuges, acompanhados de descendentes (se houver) ou de alguém de seu relacionamento afetivo, se postarão e o ministro dirá: "Louvamos a Deus pelos casais que conseguiram, nestes tempos de crise espiritual, pecado e miséria, manterem-se firmes nos propósitos do matrimônio, fiéis e leais um para com o outro. Os nossos irmãos (*nome do marido*) e (*nome da esposa*) são um exemplo maravilhoso deste fato pelo que, solenemente queremos neste ato celebrar as Bodas (*de prata ou de ouro*) desta feliz e próspera união.

4. O ministro fará a leitura da Palavra de Deus num dos seguintes textos: Salmos 103.1,2,5; 112; 128; Provérbios 31.10-31; Efésios 5.22-33; Hebreus 13.1,4; 1 Pedro 3.1-7, etc. A seguir poderá haver louvores de solos, corais.

5. Após a leitura do texto e o louvor, o ministro se dirigirá aos cônjuges e lhes dirá "Por (25 ou 50 anos) tendes vivido em santa união conjugal. Por certo as lutas foram muitas, mas o Deus que servis vos levou à vitória em todas elas. A paciência, a boa compreensão, a cooperação mútua norteou a vossa vida conjugal, razão por que aqui tendes chegado para diante de Deus oferecerdes um culto em ação de graças e testemunhar que o pacto que já há (25 ou 50 anos) tendes firmado se mantém firme, e indissolúvel para a glória de Deus, estabilidade da sociedade e felicidade da família. Queremos, portanto, que outra vez escuteis a Palavra de Deus para que tenhais sempre presentes as recomendações bíblicas para um viver conjugal que agrada a Deus." (O ministro dirá mais alguma coisa que sentir sob inspiração, tomando por base os textos escolhidos.)

6. *Entrega das alianças.* O ministro concluirá falando da importância das alianças entregando-as aos cônjuges, primeiro ao marido que, ao colocar no dedo correspondente de sua esposa, ou transferindo esta oportunidade para um filho ou neto dirá antes: "Querida esposa, por (25 ou 50 anos) tens sido a minha companheira fiel, ajudadora incansável na formação da nossa família, como testemunho do meu amor a ti e do meu reconhecimento às virtudes que tens, eu coloco (*faço colocar*) em tua mão esta aliança." Após, o mesmo fará a esposa dizendo: ¹ "Querido esposo, a tua lealdade, ajuda e senso de responsabilidade como esposo e chefe de nossa família levam-me a agradecer a Deus e neste ato solene a colocar (*fazer colocar*) esta aliança em tua mão como testemunho do amor que a ti dedico como esposa". Havendo louvor, ou cântico, neste momento poderá ser apresentado.

7. O ministro fará a oração final, pedindo a Deus a continuação de suas bênçãos sobre o casal e dará a bênção apostólica sobre eles.

Apresentação de crianças

"Deixai vir a mim as crianças, e não as impeçais, porque das tais é o reino de Deus" (Lc 18.16).

O ato de apresentar as crianças tem respaldo bíblico, ainda que não constitua um mandamento neotestamentário. Era um costume estatuído na lei de Moisés, que logo a igreja adotou na forma que conhecemos. Deve-se ter o cuidado de fazer da melhor forma possível as apresentações das crianças que são trazidas ao santuário com essa finalidade.

O oficiante do ato é sempre o pastor da igreja ou, no seu impedimento, o obreiro que imediatamente responde em seu lugar. Não existem, a rigor, normas que privem os obreiros ainda não pertencentes ao ministério de praticarem o ato, desde que estejam em função de dirigentes do trabalho e não houver um ministro presente. Como dissemos, não há normativa que discipline a matéria, porém o que já se disse quanto à prioridade dada ao ministro obedece ao que se tem aprendido no tocante ao respeito ministerial estabelecido pela Palavra de Deus e esposado por nós.

Deve-se observar:

1. Geralmente o ato é celebrado no final do culto, com uma oração específica, estando presentes os pais ou outros parentes chegados.

2. O oficiante, tanto quanto possível, deve adotar uma maneira delicada, tema, séria e segura de sustentar a criança. Sabendo com antecedência que vai praticar o ato, ainda em casa deve fazer um ensaio, se é que não tem costume de pegar crianças, especialmente as recém-nascidas.

3. O oficiante deve saber o nome da criança apresentada para anunciar à igreja. Se os pais não forem suficientemente conhecidos é bom dizer os seus nomes.

4. Com a igreja de pé, será feita uma oração suplicando a bênção para a criança, e pedindo ao Senhor pela conservação da sua saúde, e que a crie nos seus caminhos, dando-lhe permanente proteção em todos os sentidos.

5. Após a oração, o oficiante entregará a criança à mãe ou a quem por ela seja responsável, dando, em seguida, os parabéns aos pais.

A cerimônia, como vemos, é simples, não sendo possível torná-la mais simples nem mais aparatosa ou complexa.

Nota: Constantemente são trazidas crianças de inconversos para serem apresentadas. Muitos obreiros se negam a efetuarem a apresentação. Acreditamos que tal recusa se prende mais a fatores de ordem pessoal, pois, como já dissemos, não podemos estabelecer normativas com cunho bíblico para o ato. Particularmente, concordamos com os que estão sempre dispostos a pedir a bênção de Deus para uma criança que não responde pela vida de seus pais ausentes de Deus. Acreditamos não haver qualquer transgressão se pedirmos que Deus abençoe um inocente. Isso é o que se faz quando apresentamos uma criança ao Senhor Jesus! O que dizemos não tem a finalidade de contrariar pontos de vista de pastores ou ministérios.

Colação de grau na igreja

O chamado culto de formatura é uma oportunidade similar à do culto em ação de graças, tendo naturalmente, as suas características próprias. Vejamos:

1. Início com oração.
2. Cânticos congregacionais e leitura da Palavra (texto apropriado).
3. Execução do Hino Nacional (havendo condições). Após, se dirá: Neste momento, declaro abertas as solenidades de formatura de (mencionar a turma, ano, curso, etc.)
4. Apresentação de alguma peça musical.
5. Apresentação das autoridades, convidados especiais, diretoria da entidade e corpo docente.
6. Palavra do orador da turma. (Limitar o tempo no próprio programa.)
7. Palavra do paraninfo.
8. Palavra do diretor do curso ou seu preposto.
9. (Não é oportuno tirar ofertas.)
10. Seguir o programa elaborado para entrega de certificados.
11. As solenidades são concluídas com uma palavra de agradecimento a todos e uma oração a Deus.
12. O tempo fica franqueado para os cumprimentos.

Nota: Sendo necessário, será aberto espaço para inserir algum ato indispensável ao evento. Em tal caso, é prudente observar em que momento se fará a inserção, pois a ordem deve ser observada com certo zelo.

Despedida de obreiro para o campo

A prática neotestamentária para despedir obreiros que seguem para o campo se acha contida no livro de Atos, capítulo 13.2,3. Acreditamos que é do agrado do Mestre que mantenhamos a mesma regra espiritual. Nada pode substituir a oração e o jejum quando temos que tomar decisões tão sérias como a de enviar um embaixador do Reino de Deus para exercer o seu ministério em alguma região. Somos, então, plenamente conscientes de que nada devemos fazer sem que antes tenhamos buscado a Deus em fervente oração e consagração através de jejum, no que tange ao envio de obreiro para o campo.

Observada a parte espiritual, quiçá poderíamos prescindir da parte que diz respeito ao ato material de despedir o obreiro, porém deixamos aqui algumas sugestões. Esse ato tem sido mal dirigido em algumas ocasiões. Às vezes, festas belsazarsanas são celebradas por determinadas igrejas quando despedem o obreiro para o campo; o culto de despedida parece mais uma peça de teatro de que um momento de adoração a Deus. Outras vezes o obreiro é enviado sem receber o mínimo de incentivo e de demonstração do apoio que cabe à igreja, pelo seu corpo ministerial, oferecer-lhe.

Vejam como melhor celebrarmos um culto a Deus por mais um obreiro que está sendo enviado à grande Seara do Mestre:

1. Em primeiro lugar, o pastor da igreja, após a oração inicial, falará do propósito da reunião e dará prosseguimento ao trabalho na forma habitual quanto aos louvores, tendo, naturalmente, o cuidado de escolher hinos que tenham uma mensagem relacionada com o evento.

2. Após os louvores, far-se-á a leitura da Palavra de Deus sempre de acordo com o que se está celebrando. Alguns textos poderão ser: Mateus 9.35-38; Marcos 16.15-20; João 17.18; 20.21; 10.16; 28.19; Atos 1.8, etc.

3. Feita a leitura, se fará oração e a apresentação dos presentes e se passará a dar oportunidade aos obreiros que compareçam ao evento. Se o número de representantes de igrejas ou departamentos da igreja local for muito grande, a palavra poderá ser dada por representação, isto é, um determinado obreiro falará em nome dos demais ou dos grupos que se façam representar. Essas oportunidades poderão ser intercaladas com cânticos de conjuntos, corais, solos, etc, que participem do culto.

4. Se houver um obreiro para entregar a mensagem final, este deverá ter tempo suficiente para desenvolver o seu sermão. Todos os atos, como poesias, cânticos, palavras de incentivo ao obreiro que se despede, deverão acontecer antes da mensagem final.

5. Após o mensageiro, que poderá ser o que se despede, o pastor da igreja convidará a congregação para, com uma oração fervorosa, encomendar o enviado à graça do Senhor e neste momento toda a família deste deverá estar junto a ele para receber a bênção que a igreja ministrará sobre suas vidas.

6. Caso o orador final não seja o que se despede, este deverá ter uma oportunidade para falar à igreja.

7. Este culto não deve ser uma oportunidade para lamentações, lágrimas oriundas de saudosismo desequilibrado, como também não se deve impedir que se manifestem os sentimentos de amor fraterno com relação ao obreiro que se despede.

8. A oportunidade também é propícia para se solicitar uma boa oferta em favor do trabalho que o obreiro irá fazer mesmo que ele esteja partindo para um trabalho já consolidado. A oferta aqui sugerida poderá ficar para o próprio uso do obreiro pois se tem, sempre muitas despesas na viagem, especialmente em mudança.

9. Concluída esta parte, o dirigente do culto encerrará o trabalho e orientará o enviado para que fique à saída do templo em lugar próprio, juntamente com a sua família, para receber os cumprimentos da igreja.

10. O culto é encerrado com a bênção apostólica, como nas ocasiões habituais.

Despedida e passagem de pastorado

O momento de despedir um pastor do pastorado de uma igreja, bem como o ato de transferir a responsabilidade para outro é uma solenidade quase sempre acompanhada de saudades, agradecimentos e sadios reconhecimentos do labor desenvolvido pelo pastor que se despede. Há a necessidade de não deixar que o momento se torne uma ocasião constrangedora nem para quem sai, nem para quem ingressa na responsabilidade pastoral. A programação deve ser elaborada com cuidado para que não haja excessiva exaltação, nem humilhação a qualquer pessoa, mas que tudo resulte na exaltação do nome de Jesus.

É aconselhável que a diretoria da igreja cujo pastorado estiver sendo transferido entre em contato com o pastor que assumirá a fim de que se elabore um programa conjunto para o dia da despedida e posse, respectivamente.

Após ser resolvido, a nível de ministério local, e homologado pelo plenário da igreja, o formal convite ao pastor que assumirá o pastorado, havendo-se cumprido todos os requisitos previstos no Estatuto da igreja e do órgão convencional, marcar-se-á o dia e hora para o ato de despedida do pastor e transferência da responsabilidade pastoral. Feito isso, preparar-se-á o seguinte esquema para a cerimônia:

1. O trabalho será iniciado como nos cultos normais com oração, seguindo-se alguns louvores. Aconselha-se não serem muitos os cânticos, a fim de que os outros atos tenham lugar.

A direção do culto, a princípio, deverá estar com um obreiro capaz indicado pelo pastor, até que outra direção assuma, se for o caso.

2. O pastor a ser substituído estará com sua família no templo, no início do culto. Todo o ministério local deverá estar presente ao evento.

3. O local deverá estar ornamentado até mesmo para testemunhar da alegria e nunca de tristeza, uma vez que o assunto do culto está sendo conduzido sob a direção e vontade de Deus.

4. Os departamentos que se farão representar com palavras ao pastor que sai deverão estar bem orientados quanto ao momento e o tempo que ocuparão para fazer uso da palavra, a fim de evitar perda de tempo e para que a programação não sofra dificuldades no seu cumprimento. É conveniente limitar o número de representações ajustando-as ao tempo que se usará para todo o culto.

5. Após os louvores, uma comissão da igreja local indicada pelo pastor irá ao encontro do pastor convidado a assumir o pastorado o qual deverá estar em lugar adrede preparado para que fique à espera da comissão que o introduzirá ao recinto da igreja, a qual deverá recebê-lo de pé por solicitação do pastor que vai transferir o cargo. O pastor que assume, neste momento deverá ingressar e assomar à plataforma, acompanhado por sua família, esposa e filhos (se os tiver).

6. Com o ingresso do pastor convidado, o pastor da igreja indicará o pastor que presidirá o ato de posse do novo pastor e também indicará um secretário "ad hoc" para fazer a lavratura da Ata que a nova direção da igreja deve providenciar o registro imediato.

7. Havendo sido empossados, o presidente e secretário "ad hoc" que conduzirão os trabalhos da posse, o pastor ainda na condição de pastor titular, fará uso da palavra para apresentar as suas despedidas devolvendo-a em seguida ao pastor que preside a sessão.

8. O presidente da sessão usará a palavra, agradecendo a sua indicação para presidir e lera um texto bíblico que poderá ser um dentre os que sugerimos em seguida: Efésios 4.11-13; 1 Pedro 5.2-4; Atos 20.28; Jeremias 3.15; 23.4; 1 Timóteo 4.16; 2 Timóteo 4.1,2; Tiago 2.1.

9. Feita a leitura, em primeiro lugar, o presidente falará à igreja, dizendo com base em Efésios 4.11-13, que o Senhor é quem constitui pastores e que é o seu convencimento que Deus está constituindo um novo pastor para a igreja em (citar o local).

10. O oficiante do ato de posse deverá fazer menção ao tempo e aos bons resultados do trabalho desenvolvido pelo pastor substituído. Para que não cometa falhas, é aconselhável que o seu pronunciamento seja bem fundamentado e com pleno conhecimento de causa. Dentro deste espaço é oportuno que o presidente "ad hoc" pergunte à igreja se agradece a Deus pelo tempo que o pastor

(citar o nome) exerceu o pastorado nesta Igreja de (citar o local). Após manifestação da igreja, que é de se esperar que seja positiva, o presidente perguntará à igreja se é com agrado que recebe o novo pastor (citar o nome) para exercer o pastorado nesta Igreja.

11. Ato seguido o presidente colocará de pé, frente um do outro, os dois pastores, o que transfere e o que recebe o pastorado e dirá ao pastor que assume que a sua responsabilidade neste momento é muito grande e que a está assumindo diante de Deus, que está recebendo não de mãos de homens nem por delegação humana, mas divina e que irá guiar a igreja do Senhor com a Palavra de Deus, a Bíblia. Tomando a Bíblia que estará sobre o púlpito nas suas mãos, dirá ao pastor que transfere o cargo que diga algumas palavras ao seu substituto e passe em seguida a Bíblia às mãos do seu colega que o sucede no pastorado. Sugerimos que diga as seguintes palavras: "Pastor (citar o nome) passando às suas mãos o livro de Deus, a Bíblia Sagrada, transfiro aos seus cuidados o pastorado desta querida igreja do Senhor que tive a honra e o privilégio de pastorear por.....anos".

12. Em seguida o presidente convidará a igreja para fazer a oração de posse e, após, os dois pastores se abraçam. Ambos os pastores deverão estar ajoelhados por ocasião da oração de posse.

13. Ato contínuo o pastor que preside ordenará ao secretário "ad hoc" que faça a leitura da ATA, que, após ser aprovada pela Assembléia, será assinada pelo oficiante, secretário "ad hoc", e pastores presentes ao ato.

14. Após as assinaturas, o sr. presidente passará a palavra ao pastor empossado que concluirá o trabalho, segundo a direção do Senhor.

Noivado

Ficar noivo é o costume adotado na nossa sociedade por quem pretende assumir o casamento. Sugere uma atitude séria e uma decisão definida dos que resolvem ficar noivos. Com muita frequência, namorados solicitam do seu pastor a celebração do seu noivado e não raras vezes alguns obreiros ficam embaraçados quanto à forma de oficiarem tal solenidade, coisa que, por sua própria natureza, é muito simples mas muito importante. Deixemos aqui algumas sugestões para a celebração de um noivado.

Em primeiro lugar queremos dizer que não é prudente convocar uma reunião no templo, com toda igreja reunida para officiar um noivado. Achamos que isso significaria ocupar o tempo da igreja com algo que deve acontecer no ambiente familiar, entre amigos mais chegados, e nunca no templo, em ato público, como se um casamento fosse.

Então quem vai officiar um noivado deve ter um prévio entendimento com o casal de namorados, fazendo-lhe ver que se trata de um ato que tem melhor lugar no recinto familiar do que num templo. Acomodada esta parte, seguir-se-á o seguinte roteiro:

1. O dia, o horário e o local devem ser previamente acertados.
2. O officiante deve comparecer bem apresentável, não permitindo que a importância do evento perca o seu brilho.
3. A linguagem deve ser clara, porém equilibrada quando do aconselhamento às partes.
4. O officio deve ter início, justificando-se o motivo do encontro. O officiante poderá proferir as seguintes, entre outras palavras:

“Estamos aqui, diante de Deus, para de forma solene celebrarmos o noivado de (citar os nomes), considerando que o tempo suficiente para que chegassem à conclusão de que Deus os quer unir em casamento se completou, e que agora desejam assumir um compromisso mais definido e o fazem diante do Senhor Jesus. Oremos inicialmente para que Deus oriente esta cerimônia.”

5. Feitas a introdução e a oração inicial o officiante lerá um texto da Palavra de Deus que poderá ser os seguintes: Gênesis 24.58-61; Salmo 1.1-3; Provérbios 16.1; Mateus 18.19; Lucas 6.47,48, etc.

6. Após a leitura, o officiante proferirá algumas palavras embasadas no texto lido e aproveitará para dizer ao casal que a responsabilidade agora é muito maior, tanto diante da família como da sociedade e principalmente diante de Deus. Dirá ainda que o noivado não abre caminho para a prática de atos amorosos que só são cabíveis dentro do matrimônio. O proceder dos noivos deve ser totalmente norteado pelo temor do Senhor, a fim de que a preparação para o casamento receba a plenitude das bênçãos do Altíssimo e em tudo Ele seja glorificado.

7. Proferida a preleção, o ministrante pedirá aos pais dos namorados, se presentes, para ficarem próximos aos filhos e com as alianças levantadas dirá: “Estas alianças serão o testemunho visível do pacto que estas duas vidas celebram diante de Deus. É um compromisso solene que deve ser respeitado por ambos e pelas famílias a que pertencem, cujos efeitos conduzam ao altar do matrimônio com a segurança de que Deus confirmou a decisão tomada.”

8. Ato seguido o officiante pedirá à mãe da moça que coloque a aliança no dedo correspondente da mão direita do rapaz e em seguida pedirá que o pai do rapaz ponha a aliança no dedo e na mão correspondente da moça. Após este procedimento o officiante fará uma oração a Deus pedindo-lhe que confirme o que se acaba de celebrar.

9. Após a oração, os noivos se cumprimentarão na condição de noivos e se for conveniente e oportuno poderão dizer um ao outro, com suas próprias palavras, que a partir daquele momento reconhecem haver assumido grande responsabilidade e que tudo será feito para que a preparação do casamento seja desenvolvida sob as bênçãos do eterno Deus.

10. O ministrante dará a cerimônia por encerrada deixando lugar para os cumprimentos entre as famílias e convidados.

Observação:

1. Não havendo pais para a colocação das alianças, poderão ser substituídas por parentes

mais próximos ou, se o oficiante preferir, poderá ele próprio colocá-las.

2. É bom comunicar à igreja o acontecimento, a fim de que uma oração seja feita em favor dos noivos e das suas famílias.

Celebração de quinze anos

Tomou-se costume entre nós a celebração de um ato solene na comemoração dos 15 anos de idade das nossas mocinhas. Usando da franqueza que sempre nos tem acompanhado, e sem querermos ser radicais, faremos algumas sugestões para a celebração desse ofício.

Sabemos que fazer uma cerimônia especial na igreja (templo) quando uma jovem crente completa 15º aniversário, é uma inovação trazida pela evolução do tempo, e exigida pela sociedade; e por não ser o ato necessariamente bíblico, visto que não é registrado nas Escrituras Sagradas, convém tenhamos cuidado na condução dessa cerimônia, para que um culto de gratidão a Deus que é, não se assemelhe a uma peça teatral.

1. A preparação do local onde se celebrará o culto, se for o templo, deve ser singela, evitando-se mudanças no cenário, para evitar manifestações de sentimento vaidoso. (Cabe ao pastor da igreja expedir instruções normativas a respeito.)

2. O celebrante deve fazer contato por antecipação com os pais da aniversariante, dando-lhes a orientação necessária quanto à elaboração do programa.

3. O tempo de duração do culto, incluindo cânticos especiais de corais, conjuntos ou solos, etc., deve ser de mais ou menos uma hora, começando, geralmente, de 18 às 20 horas.

4. O celebrante dirá de início: Este é um culto de agradecimento a Deus pelo 15º aniversário da nossa irmãzinha (nome, filiação, etc.) Aproveitaremos esta oportunidade para transmitir à aniversariante conselhos básicos e bíblicos para a importante fase de sua vida que agora se inicia.

5. O ofício em si pode constar dos seguintes atos:

a) A aniversariante poderá ingressar no recinto do culto na forma convencional e aguardar o momento em que o oficiante comece o trabalho, quando, então, se posicionará no lugar que lhe foi designado. Se o ingresso for o momento do início do ofício, todos os presentes, ao toque de uma música sacra, colocar-se-ão de pé e a aniversariante se dirigirá ao seu lugar. É preciso cuidado com ingressos ostentosos que podem tomar o lugar que cabe ao Espírito de Deus. (Falamos assim, porque estamos pensando principalmente num culto a Deus e não apenas numa ação meramente social.)

b) Os hinos devem ser adequados ao ofício; os que falam de gratidão a Deus, de novos propósitos e que sejam plenos de louvor ao Senhor.

c) Os corais, conjuntos, e solistas, que tomarem parte do culto devem ser instruídos quanto ao número de vezes que atuarão e em que instante terão a sua oportunidade. É conveniente que se conheça o conteúdo dos hinos (cânticos) e procedência das músicas a serem executadas, evitando-se músicas mundanas.

d) O oficiante, então, proferirá algumas palavras introdutórias e mencionará a pessoa da aniversariante, procurando destacar, sobretudo, o seu porte cristão e a sábia decisão de celebrar tão significativa data com um culto a Deus, reunindo amigos e familiares para, com ela, rejubilarem-se no espírito.

e) Sendo a aniversariante pessoa desinibida e capaz, é importante que ela também faça uma alocução previamente preparada, ou proceda à leitura de um texto bíblico, exemplo: Salmos 90.12; 103.1-5; 112.9-10; ou outro texto que, a gosto, poderá ser escolhido para o momento. Um hino também poderá ser entoado pela aniversariante só ou em companhia de colegas, da mesma faixa etária, de preferência.

f) Os progenitores da aniversariante devem ser colocados num lugar especial no recinto e é da maior importância que se diga do significado de suas vidas para a filha. É oportuno animá-los a continuar dando toda a assistência à filha, salientando-se que o tratamento que se oferece à moça nesta faixa de idade difere bastante do que se tem dado até agora, mas que a igreja tem a certeza de que, neste particular, os genitores de (nome da aniversariante) saberão buscar em Deus a sabedoria necessária para continuarem orientando-a no caminho que deve trilhar. (Os pais devem neste momento ser felicitados pelo oficiante.)

g) Neste culto não deve haver ofertório nem testemunhos, a menos que seja algum

testemunho compatível com o momento e projete brilho ao ofício. Também não haverá apelos, apresentações, anúncios de qualquer natureza e outros atos que são cabíveis somente noutras ocasiões.

h) A mensagem deve ser curta, objetiva, não desprezando o tema central de toda mensagem bíblica • Jesus. Enfatizar que a aniversariante continuará sendo feliz se Jesus for o seu guia permanente, Senhor e Mestre da sua vida. Após a mensagem, o oficiante se dirigirá à aniversariante para comunicar-lhe alguns conselhos da parte de Deus e desejar que todas as bênçãos do Altíssimo lhe sejam dispensadas. Os textos a serem usados poderão, entre outros, ser os seguintes: Salmos 34.12-15; 37.1-6; 144.9-12; Provérbios 3.1-5; 4.20-23; Eclesiastes 12.1-7; 1 Coríntios 13.11.

i) Finda a preleção do oficiante, o público se colocará de pé e a aniversariante se ajoelhará. Nesse momento se fará uma oração a Deus, de agradecimento e, ao mesmo tempo, intercessória pela vida da jovem.

j) O ato encerra-se com a bênção apostólica que bem pode ser proferida da seguinte forma: “A graça do Senhor Jesus, a comunhão do Espírito Santo e o amor de Deus seja com (fulana) e todos os salvos em Cristo desde agora e para sempre.”

Cuidados

1. Evite-se a formação de pares (casais). Isto não é bom no seio da igreja, pois dá uma feição puramente social ao evento.

2. Evitem-se simulações de casamento. Isto é mentira, e pode produzir insinuações sensuais, pelo que deve ser evitado, para que a bênção de Deus flua livremente.

3. Use-se linguagem descontraída, porém séria, pura e honesta em todos os momentos da solenidade.

Funeral

Este cerimonial, do ponto de vista humano, é o que menos agrada ao ministro oficiante, porém não se pode fugir ao dever do ofício. Ademais, é uma oportunidade para se evidenciarem os valores espirituais com que o Espírito de Deus dotou aquele servo que agora passou para o Senhor.

Cabe, portanto, ao oficiante da cerimônia fúnebre observar as recomendações que abaixo seguem:

Em primeiro lugar, deve-se conhecer a condição espiritual e o testemunho da pessoa falecida, para evitar pronunciamentos inverídicos que possam criar constrangimentos. É sempre bom que se faça alusão à pessoa a ser sepultada quando da sua existência se possa tirar algum bom exemplo para aplicá-lo em forma de conselho espiritual aos que estiverem presentes ao ato. Conhecer os membros da família antes de iniciar a cerimônia é uma medida prudente já que esses precisam de uma palavra de conforto no momento. Deve o oficiante conhecer o local e o horário do sepultamento, com segurança.

Passos a serem dados:

1. Comparecer ao local do sepultamento pelo menos uma hora antes. Nunca é uma atitude agradável chegar às carreiras quando o momento é de tristeza para pessoas que nos são caras em Cristo, pois representamos, então, como ministros, as pessoas mais capazes de ajudá-los espiritualmente nessa fase.

2. Iniciar com uma oração, pedindo a Deus a sua graça para a cerimônia. O tom de voz deve ser moderado, nunca como se estivesse pregando numa cruzada ou no púlpito. Começar dizendo do significado do ato, que, sendo de dor e tristeza pela separação do ser querido que partiu, é, no entanto, uma oportunidade para renovar a nossa memória quanto às promessas do Senhor nosso Deus. Se o testemunho deixado pela pessoa objeto do ato fúnebre foi um exemplo de fé e obediência à Palavra do Senhor, toma-se isso causa de grande inspiração para quem oficia o ato, e para todos os que fizerem uso da palavra.

3. Fazer a leitura da Palavra de Deus, usando entre outros, alguns dos seguintes textos: 1 Tessalonicenses 4.13-18; 2 Coríntios 1.5-7; 5.1-10; 1 Coríntios 15.39-55; Salmo 116.15; Apocalipse 14.13; 21.3,4. Feita a leitura, fazer explanação, de acordo com a inspiração que recebeu, mas com concisão e objetividade, usando tom de voz compatível com o momento. Se houver mais alguém para falar, devesse ter em conta o fator tempo quando franquear a palavra. É recomendável que o oficiante estabeleça limite de tempo para cada um que vai falar:

Nota: Os cânticos só deverão ser executados com autorização da família enlutada. Nunca por iniciativa do oficiante ou de pessoas alheias à família, para evitar que alguém se sinta ferido, em lugar de confortado. O cântico deve fazer parte do testemunho da esperança do crente e servir de conforto espiritual aos familiares, e nunca ser interpretado como um ato de insensibilidade ao acontecimento. Os cânticos devem ser entoados em tom de piano (baixo), com a melhor harmonia possível, tudo para glória de Deus.

4. Após o ato, o oficiante fará mais uma oração, suplicando a Deus consolação para todos e, em se tratando da passagem de um fiel servo de Deus, deve-se agradecer ao Senhor o tempo que ele passou entre nós, e pelos exemplos de fé que nos legou.

5. Após esta oração, o oficiante dirá: "Está concluída a cerimônia e a condução do sepultamento fica a critério da família".

6. Sendo o local e tempo favoráveis, poderá ser dada uma breve palavra quando o corpo descer à sepultura, porém nem sempre isso se faz necessário. Nesse momento, a presença do oficiante se presta mais para dar apoio à família e orientar na parte espiritual, evitando que se cometam atos que choquem as consciências cristãs gerando mau testemunho.

Nota: Às vezes, somos convidados para dar auxílio espiritual a uma família cujo falecido não é crente. Em tais circunstâncias, nada temos a mencionar quanto à pessoa do extinto, mas tão-somente aproveitar a oportunidade de se viver preparado para o instante do chamamento à

eternidade. A ocasião é muito oportuna para se dizer que sem Cristo nesta vida, a eternidade não será feliz. Se alguém se decidir por Cristo naquele momento, sem apelo, será feita uma oração. Deve-se ter cuidado para não fazer alusões à pessoa do morto, dizendo que foi ou não salvo. Não somos juizes nessas ocasiões: somos anunciadores da fé em Cristo.

Lançamento da pedra fundamental

O lançamento de pedra fundamental de uma obra para uso da igreja tornou-se um costume altamente significativo, pois é uma oportunidade que temos de cultuar a Deus e motivar os fiéis a se interessarem pela construção. É também um momento de exercitar a fé nas promessas de Deus, e tudo junto é um vivo testemunho do progresso da obra do Senhor.

O ato em si não exige um programa minucioso, mas deve ser levado a efeito com muita alegria expressa nos louvores a Deus, nos testemunhos, e nas mensagens apresentadas. O trabalho não deve ser demorado, e poderá ser feito assim:

1. Convidar para a solenidade as autoridades locais e as igrejas vizinhas.
2. Oração inicial, agradecendo a Deus pelo passo de fé que a igreja está dando e suplicando a presença abençoadora do Senhor na solenidade.
3. Como é natural, os hinos devem ser próprios para o ato, e serão cantados com vigor e verdadeiro sentido de adoração. Do mesmo modo, os músicos (se houver) deverão tocar com toda expressão de louvor a Deus.
4. Após os louvores, será lido o texto oficial do culto que pode ser, entre outros, o encontrado em Gênesis 28.20-22. Após, se fará outra oração.
5. Neste espaço, dar-se-á a oportunidade para corais, conjuntos, solos, bem como para testemunhos, que devem ser breves.
6. O oficiante, após as oportunidades concedidas, entregará uma breve mensagem, reforçando o que se tenha dito sobre a finalidade da reunião.
7. Convidará os obreiros presentes, começando pelos mais conceituados nos meios evangélicos, para colocarem no devido lugar a pedra previamente preparada (pedra fundamental). A cavidade poderá ser feita no momento, para tornar o ato mais solene. A ferramenta adequada já deverá estar no local. Será feita a oração solene quando os obreiros houverem tomado a pedra com o oficiante e a colocado na cavidade.

Nota: Não aconselhamos pôr na cavidade também uma Bíblia, como alguns têm feito. Entendemos que a Palavra de Deus não é para ser "enterrada", mas anunciada. Além disso, o ato é simbólico do início da construção e a Palavra de Deus é a verdade que deve ser proclamada. Uma Bíblia na mão de uma pessoa fará mais efeito do que "enterrada" numa obra.

8. Após o lançamento da pedra fundamental, cremos que é muito oportuno solicitar uma contribuição para a obra, se realmente houver necessidade. O povo naquele instante está com entusiasmo e uma oferta quase sempre dá bom resultado.

9. Em seguida, com palavras conclusivas, o oficiante fará o apelo, dando, naturalmente, às suas palavras uma conotação evangelística. Havendo decisões, será feita uma oração e se encaminharão os neoconvertidos para o templo.

10. Com uma oração, concluir-se-á o trabalho, havendo antes anunciado o início da obra, a fim de que o ânimo do povo continue aceso para glória de Deus e bom êxito do empreendimento. Uma palavra de agradecimento é importante.

Nota: Havendo condições, é bom organizar um desfile com a igreja, partindo de um lugar (templo antigo, etc.) até o local do evento. Será uma maneira de atrair o povo à igreja.

Inauguração

O ato de inaugurar tem como finalidade agradecer a Deus pelo êxito alcançado e suplicar a sua indispensável bênção para que sejam plenamente realizados os propósitos com os quais foi feita a obra.

Um sem-número de coisas podem merecer um ato inaugural: templos, casas, escolas, hospitais, fábricas, asilos, orfanatos, estradas, praças, monumentos, etc.

Ao se inaugurar prédio que se destine ao serviço sagrado, como um templo, o ato se reveste de maior importância, pelo sentido espiritual que encerra. Neste caso, realizar-se-á um culto com todas as suas características espirituais, obedecendo aos seguintes passos:

1. Serão convidadas para o ato as autoridades locais e as igrejas vizinhas.
2. Normalmente, o povo se reúne na frente do prédio, estando a porta principal ainda fechada.
3. No horário marcado, o oficiante iniciará as solenidades com oração.
4. Depois da primeira oração, o oficiante dirá, em breves palavras, sobre a finalidade do ajuntamento e serão cantados louvores (não muitos). Após, será lida uma porção das Escrituras. O texto deve ser consoante com a solenidade.
5. Após a cerimônia da fita, ingressarão no templo na seguinte ordem: autoridades e convidados especiais, pastor e os demais obreiros, corais e bandas e o povo em geral.
6. Ao desatar a fita simbólica atravessada na porta principal, o oficiante poderá ler (ou citar) o versículo 2 de Isaías 26 ou outra expressão bíblica própria para o momento e logo adentrarão todos com louvores a Deus.
7. Quando todos já se acharem no interior do templo, ainda de pé se fará a oração inaugural. Após este ato, seguir-se-ão as apresentações, as saudações, e continuará o culto.
8. O oficiante, geralmente o pastor da igreja, distribuirá os trabalhos com muito equilíbrio, cuidando para não dilatar descomedidamente o tempo de duração, especialmente se ainda houver algum trabalho para o mesmo dia e por respeito aos convidados que muitas vezes não podem demorar demasiadamente.
9. A conclusão do culto será como a dos cultos públicos, mas deve-se proferir uma palavra de agradecimento aos que atenderam ao convite.

Nota: No momento das apresentações, é justo que se faça alusão aos serviços prestados pelas pessoas e equipes que contribuíram para o êxito do trabalho. É um procedimento bíblico, ser agradecido; além do mais, animará os que ajudaram e incentivaram outros a fazerem o mesmo. Outras inaugurações têm procedimentos um pouco diferentes, mas a oração inicial, os louvores, a leitura bíblica e todos os demais atos espirituais não podem faltar, se de fato se pensa num culto a Deus.

O oficiante deve entender-se com os programadores e tomar conhecimento de tudo que se fará no ato: quem vai falar, cantar, pregar, etc. e decidir sobre o tempo de duração.

Cumpra-se dizer que o procedimento religioso descrito só é cabível quando a inauguração tem cunho totalmente religioso. Se o evento é de natureza social e o lado espiritual aparece só como complemento, proceder-se-á do modo que for estabelecido: oração, leitura bíblica, cânticos, etc.

Muitas inaugurações não são totalmente destinadas a culto a Deus, portanto, o oficiante ou participante do evento deve ter o cuidado de pôr cada coisa em seu lugar.

Quanto ao tempo de duração, recomenda-se prudência, para não gerar cansaço nos participantes. Se o sentido espiritual do evento for mantido até o seu término, este deve ser com uma oração de agradecimento a Deus.

Solenidades cívicas no templo

As solenidades cívicas que costumeiramente ocorrem nos nossos templos são, em geral, as celebrações do dia da Pátria (7 de setembro), certas homenagens que por representantes do povo são feitas a pessoas do nosso convívio, e outras reuniões cívicas, às quais se deseja dar uma feição religiosa, como se celebrasse um culto em ação de graças.

O dirigente deve estar bem informado dos motivos dessas reuniões, e conhecer as pessoas que representam o povo e a instituição que promove o evento.

A ordem pode ser a seguinte:

1. Abertura com oração, e louvores a Deus.
2. Leitura bíblica por alguém que for designado; oração.
3. O dirigente fará a apresentação das autoridades presentes e dos visitantes, nomeando-se os principais.
4. Em geral, executa-se o Hino Nacional cantado por todos os presentes e tocado pela banda, após o que o dirigente declarará abertas as solenidades, mencionando os motivos.
5. A palavra é, então, franqueada aos representantes de entidades civis, militares e eclesiásticas que presentes estejam como representantes.
6. Os atos serão intercalados com louvor.
7. Falará então o representante da organização que promove o evento.
8. Após esse orador, não se dará mais oportunidade a ninguém para falar sobre o evento, salvo alguém cuja representatividade sobrepuje a do último orador.
9. O último orador de fato será o mensageiro da Palavra de Deus, que deve ter tempo suficiente para desenvolver a sua mensagem evangelística.
10. Após o sermão, o dirigente fará ou designará alguém para fazer o apelo. Havendo decisões, far-se-á oração pelos que se decidiram.
11. Com uma palavra de agradecimento, o culto será concluído, após a oração final e bênção apostólica.

Nota: O programa para essas solenidades convém que seja criteriosamente elaborado, com o tempo bem distribuído, para que o nome do Senhor seja exaltado.

A bênção apostólica

Impetrar a bênção apostólica ao término de cada ofício sagrado é uma prática já consagrada pelo uso entre nós, da Assembléia de Deus, ainda que muitas outras denominações fazem o mesmo.

Cabe nestas notas dizer que tal ato no final do culto não é propriamente um mandamento ou normativa bíblica. Mas, por analogia, acreditamos de todo coração que o Espírito Santo de Deus foi quem inspirou o uso da bênção apostólica. O espaço é limitado para trazermos aqui um fundamento doutrinário (não é este o propósito destas linhas) ou analógico que nos possa ajudar a entender a importância da bênção apostólica. Pois bem, não vamos fundamentar a prática que estamos aconselhando, mas se todos observarem o final das cartas paulinas, do Apocalipse, etc, verão que fomos colocados para abençoar, conforme o Senhor disse ao nosso pai Abraão em Gênesis 12.2c.

Entre nós, é praxe permitir impetrar a bênção apostólica aos pastores, e aos presbíteros quando em função pastoral, isto é, dirigindo trabalho (congregações, ou praticando outros atos ministeriais). Nunca foi, porém, a impetração dessa bênção atribuída a quaisquer outros auxiliares. Por outro lado, em alguns lugares costuma-se levar toda a congregação a cantar as palavras usadas na bênção apostólica: "A graça de nosso Senhor Jesus Cristo e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam conosco (ou *com todo o povo de Deus*)" como alguns ministros usam fazer. Veja-se que nem mesmo uma forma literal rígida foi estabelecida. Neste ponto, vamos concluir dizendo que cada obreiro consulte o seu pastor sobre como deve fazer, já que se trata de assunto não estatuído pela Bíblia, embora faça parte dos nossos bons costumes.

Aconselhamos, no entanto, cuidado, para não permitir que o mau uso das coisas sagradas venha a ter lugar no nosso meio. A Bíblia nos ensina que façamos tudo com ordem e decência, para *glória de Deus*. Que o Senhor a todos oriente no fazer aquilo que é útil e proveitoso! Amém.